

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.619

Sexta-feira, 7 de Março de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5338-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 116 e 118

Circulam boatos que marcam para breve assaltos aos estabelecimentos e a eclosão dum movimento revolucionário extremista

BOATOS & PREVENÇÕES

O terror dos de cima

O Carnaval não conseguiu com as suas facécias parvas e as suas cabriolas grotescas, desfazer o ambiente de ameaçadores boatos que dias antes daquele período se vinha carregando. Fim do Carnaval esses boatos intensificaram-se. Quarta-feira de cinzas teve uma atmosfera de terror—e a polícia de prevenção. Alguns pontos abandonaram a cidade e alguns capitalistas abandonaram também e precipitadamente o país. Afirma-se que se tratava dum movimento revolucionário contra a carestia da vida e assegurou-se que o povo ia praticar assaltos contra os estabelecimentos.

Não temos conhecimento de nenhum movimento revolucionário, nem mesmo vimos aduzir qualquer prova suficientemente demonstrativa da sua existência. Tratar-se-ia de alguma revolução—papão para assustar não só crianças como adultos; duma revolução fantasma pairando como uma ameaça nunca realizada e sempre nebulosa? Ou haverá simplesmente uma revolução—*truc* do governo para se encaminhar na senda de perseguições e violências? Essa é a que nos parece mais provável—e dela não estamos em boa disposição para representarmos o papel desagradável e estopante de vítimas inocentes.

Sempre se falou em revoluções e quando se não fala nelas, dá-se pela certa uma revolução, pelo menos nos hábitos de certa gente, cujos lábios se movem apressados e nervosos, para pôr em curso boatos de arripar os cabelos. Então sempre, a dar crédito a todos os boateiros, duas ou três revoluções que só quando estalam é que se sabe ao certo a sua orientação e que foi por mero palpite e razoável perfídia que muita gente à boca cheia se anunciou.

Os boatos de assaltos tornaram-se insistentes. Ora, é bom ir pondo as coisas no seu devido lugar, para evitar interpretações erradas. Os assaltos a estabelecimentos não se improvisam pela vontade dalgumas pessoas nem se premeditam. Surgem como uma natural explosão de protesto e revolta contra as elevações sucessivas e excessivas do custo dos géneros. Não tem promotores, nem agitadores, nem aliciadores. Há um único aliciador, um único promotor capaz de os fazer passar de boato alarmante para apavorante realidade: é a fome. E os seus agentes são os que se acobertam sob o rótulo pomposo de «forças vivas».

As «forças vivas» lançando-se em todas as especulações tornam justificáveis todas as violências. Desde o assalto ao estabelecimento com perda de todos os produtos nele armazenados ou assambarcados até ao assalto á pessoa dos grandes negociantes ou assambarcadores com perda das suas vidas. A cólera que esses maneios provocaram pode medir-se pela miséria a que lançaram os consumidores. Essa cólera feita de muita justiça pode explodir—e explodir violentamente. A sua explosão, se se der e a atitude dos assambarcadores parece outra coisa não desejável, terá a veemência que o povo costuma pôr em todos os seus protestos colectivos.

Agora, o anúncio antecipado de assaltos faz pensar num *truc* político destinado a fornecer pretexto a qualquer premeditada violência.

A retirada dalguns políticos da cidade—e a partida para o estrangeiro dalguns capitalistas o que pode significar? Um robote de consciência e um conseqüente assomo de cobardia? Ou uma simples coincidência. Foram simplesmente descansar ou divertir-se ou bateram momentaneamente em retirada por não sentirem firme o terreno que pisavam?

NO SUL E SUESTE

O último aumento de tarifas

O público foi agravado e as reclamações do pessoal ficaram por atender!

Os caminhos de ferro do Sul e Sueste, como já é do domínio público elevaram as tarifas de 700 % para 1000 %. Torna-se desnecessário repetir que este agravamento de tarifas com que foi molestado o público de nenhum modo veio beneficiar os serviços ferroviários. As reclamações do público e do pessoal tornam-se constantes, visto os serviços de aquela linha ferroviária terem chegado ao derradeiro estado de desorganização. Acontece porém que se propalou oficialmente que esse aumento de tarifas se destinava a aplicar aos ferroviários melhorando-lhe economicamente a sua situação. Carcere de fundamento essa afirmação pois as reclamações económicas do pessoal ficaram por atender visto que os aumentos que lhes pretendem distribuir são irracionais. No entanto nega-se ao pessoal a razão que lhe assiste e insinua-se no ânimo do público que foi para atender aquele que lhe aumentaram as tarifas.

Do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste recebemos uma nota oficiosa que põe a questão com a necessária nitidez. Passamos a transcrevê-la integralmente:

«Tendo a Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, por resolução do seu Conselho de Administração, onde tem assento representantes do Comércio, da Indústria e da Agricultura, sancionado por despacho ministerial, elevado o agravamento das tarifas dos mesmos Caminhos de Ferro a 1000 %, visto que já estavam agravadas em 700 % tendo desde o dia 5 do corrente esse agravamento subido a mais 300 %, sem que o pessoal ferroviário tenha nesse facto a mais leve responsabilidade, este Sindicato, contrapõe os protestos do público e seu protesto energético contra o mesmo agravamento, que considera excessivo e que não foi determinado comente para atender à situação do pessoal.

Pretende a Administração Geral dos Caminhos de Ferro do Estado, justificar o agravamento de 300 % com a concessão ao pessoal duma nova melhoria de salários e ordenados, ficando por esse motivo o público na suposição que o sacrifício que neste momento lhe é pedido reverte completamente em benefício do pessoal ferroviário. Como porém não é este Sindicato, em nome dos ferroviários do Sul e Sueste, e não o público de que a melhoria de

Peito sobranceiro d'entremés, Ultra-explorado e indolente O nobre pavor português Suporta, a rir, tranquilamente, O predomínio calabrês.

Pelido e magro como um cão Que não tem dono, a coçar, Puxa a carrega do patinho Que não se farta de exalar Dinheiro logo a dentadura.

Tem o governo que merece Por infâmia cobardice, Tam grande e rara que parece Ser obra má de bruxaria Que as forças quebra e entorpeco.

Restam-lhe a pele e mais o osso E os cascos, já sem terradura; Placando-lhe a mão pelo pescoço E murcha logo a dentadura.

Em que se, sem alvorço, Ergue-to, ó Zé não vá na fita Da corja auzar que te desdará; Tem pânduro! arranca e grita, Sem hesitar, manda-os à m... f... Corre-os a pau, como um catão.

José BENEDY

As vítimas de Rivera

MADRID, 6.—Umunano e Rodrigo Soriano devem chegar à Fuente Venida no dia 9, indo para casa do antigo deputado sr. Manrique de Lara, da aldeia de La Oliva.

Operários das obras do Estado

Os do Bairro Económico da Ajuda estão há quatro semanas sem receberem os seus salários!

Os operários do Bairro Económico da Ajuda, em construção, estão há 4 semanas sem receberem as suas férias, apesar das promessas do engenheiro das obras, sr. Craveiro Lopes, que garantiu não se prolongar esta situação por mais de duas semanas, mas que agora diz só haver dinheiro lá para Junho, como se, perante o pavoroso e constante agravamento do custo da vida, fosse possível a alguém manter-se sem dinheiro tão longo tempo!

Este engenheiro concedeu ao *Diário de Notícias* uma entrevista de que a *Capital* aproveitou uma nota que lhe arrem para exaltar a passividade que os referidos operários têm lamentavelmente revelado, sujeitando-se a trabalhar com salários irracionais e a uma pressão moral que muito os prejudicará ao tomarem uma atitude mais enérgica.

Quando dos últimos aumentos de salários havia uma comissão de melhoramentos paga pelo pessoal, mas como se pedisse ao sr. Craveiro Lopes que pagasse, pelas folhas das obras, os dias que os membros dessa comissão perdessem no cumprimento da missão de que estavam incumbidos, aquele funcionário respondeu preteritamente que não queria dar exemplos desses...

Há já sete semanas, porém, nomeou uma comissão a seu modo, que está recebendo pelas folhas das obras e que tem provocado o descontentamento do pessoal por não zelar os interesses deste como lhe compete, sabendo-se que há uma lista negra para, na primeira oportunidade, despedirem os operários que tem criticado desfavoravelmente a referida comissão!

Não podendo suportar mais a miserável situação em que se encontram, pois a maioria até as camisas tem empunhado, e verificando que, apesar da alegada falta de verba, está entrando agora para as obras mais material do que nunca, os operários resolveram ontem abandonar o trabalho e dirigiram-se em massa aos jornais, para que se tornassem eco das suas justíssimas reclamações, no sentido de que o governo tome urgentes providências sobre o assunto.

O primeiro jornal que recebeu a sua visita foi *A Batalha*, a quem expuseram os factos que acima ficam descritos. Depois de o camarada Alexandre Assis ter relatado as *démarches* que o S. U. da Construção Civil tem realizado para que se reforce a verba destinada às obras do Estado, os operários do bairro da Ajuda dispunham-se a percorrer os outros jornais, mas, embora a sua atitude fosse a mais calma, na rua encontravam-se já alguns guardas civis que impediram que seguissem em massa.

Uma comissão acompanhada de Alexandre Assis desempenhou-se então do encargo, verificando-se que à entrada dos jornais percorridos estacionavam também os antigos do sr. Ferreira do Amaral...

Os operários referidos, que são em número aproximado a 300, retomam hoje o seu lugar nas obras, confiando nos esforços do Conselho de Secções do S. U. da Construção Civil, que desde Dezembro vem tratando do assunto junto das entidades competentes.

A incúria do Estado provocou já este facto triste: na Morgue encontra-se o cadáver de José da Silva, operário do bairro da Ajuda, que morreu sem assistência médica devido à sua extrema falta de recursos, estando os seus camaradas inibidos de evitar que seja enterrado na vala comum, por nem um centavo possuírem na sua maioria!

Afirmava há dias *A Capital* que nas outras obras do Estado a média dos salários era de 18000 para os carpinteiros e de 16000 para os pedreiros. Isto não é verdadeiro, pois os salários dos profissionais são, nessas obras, de 8000 a 10000 e os dos serventes de 6000 a 7500.

Ainda outro facto a atestar o «carinho» que o Estado merece quem trabalha: Em 9 de Agosto do ano findo foram passados à situação de inválidos duzentos operários e mestres, que haviam sido dados como incapazes para o trabalho pela junta médica, ficando a vencer, respectivamente, a insignificante «reforma» de 2550 e 3000 diários.

Pois estes infelizes e os que já se encontram reformados estão desde Dezembro, sem receber a mesquinha quantia que lhes foi atribuída!

UM CÚMPLICE DE POINCARÉ

irradiado do partido radical

PARIS, 6.—Em resposta à sentença de irradiação pronunciada ontem contra o comité executivo do partido radical socialista, o sr. Sarraut, ministro das colónias, enviou uma carta ao presidente do referido comité dizendo que, depois de 30 anos de fidelidade constante às doutrinas do seu partido, não pode inclinar-se sob o jugo demasiado pesado da improvisada disciplina do comité executivo, mas que, não desejando tornar-se adversário do partido que leal e sinceramente serviu durante tanto tempo, renuncia desde já ao seu mandato legislativo, acrescendo que a França é bastante vasta para que possa dedicar à obra colonial, que é a própria razão da sua vida, os olhos que a sentença do comité executivo lhe vem proporcionar.

Wilson, e por outro lado influenciar Wilson, muito sensível aos ataques da imprensa, esta campanha conseguiu os seus fins.

Lloyd George chamado por um telegrama dos seus partidários à Câmara dos Comuns, foi a Londres onde pôs magistralmente a nu Lord Northcliffe que se serviu do «Times» como duma ferramenta para levar a cabo a sua política de negócios.

Wilson, porém, bem depressa caiu na armadilha que lhe armou Clemenceau. E succumbiu tanto mais rapidamente quanto se achava bastante enfraquecido pela influência. No dia 20 de Abril cedeu e aceitou a ocupação da Renânia pela França. Em 22, Lloyd George de regresso de Londres, viu-se só, como o único opositor e por conseguinte foi obrigado a ceder. A recompensa de Wilson consistiu em se pôr termo à campanha da imprensa contra ele.

Peças secretas, parece que não existem. O que aliás só teria importância em relação a psicologia dos actores e de forma nenhuma em relação ao facto.

O facto importante é que, graças a esta manobra hábil mas desonestada, Poincaré, Clemenceau, Tardieu conseguiram que a Renânia fosse ocupada pela França. A ocupação do Ruhr é uma consequência desta operação. E portanto todas as consequências do Ruhr são um efeito desta passagem do Tratado de Versalhes. A situação actual do mundo e da França testemunham na notividade deste ponto do Tratado da Paz.

É verdade, que, quer o governo francês, ou o mundo encaminhasse para uma revisão do Tratado de Versalhes.

Toda a política de Ramsay MacDonald vai tender para este fim. E é impossível que este objectivo não seja atingido», Lloyd George, conscientemente ou não, auxilia, portanto a política trabalhista, atraído a atenção do mundo sobre este ponto; e ajuntarei, libertando a memória de Wilson, de ter por erro cometido cedido aos desejos dos senhores e infantis dos governantes franceses.

Quer preservar a França dum ataque brusco e duma guerra com a Alemanha...

O PÃO

Prepara-se uma cilada aos consumidores

Com o fatídico Joaquim Ribeiro, a ministro da Agricultura todos os receios são legítimos. Vai mecher-se outra vez na momentosa questão do pão—e toda a cautela é pouca. A Moagem tem o sr. Joaquim Ribeiro no ministério da Agricultura, tem representantes seus, devidamente legalizados na famosa comissão cerealífera. Tem ainda como presidente da mesma comissão o sr. Vasconcelos e Sá, criatura que ainda se não arrependeu e por certo se não arrependerá de ser da mais requintada delicadeza e da mais reverente cortezia com os directores da Moagem. Além disso o sr. Vasconcelos e Sá é um dos patriotas mais arrebatados e fogosos e a Moagem, seguindo ela confessos em letra redonda, está realizando uma obra eminentemente patriótica. Esta patriótica coincidência de opiniões pode custar cara aos consumidores para quem o patriotismo nunca passou dum dos mais elevados e queridos impostos...

Toda esta trindade, estas três pessoas distintas e uma só verdadeira, a Moagem, estão deitando as mãosinhas de fora.

Numa entrevista concedida à *Tarde* pelo sr. comissário dos Abastecimentos este senhor declarou que necessita ser posto na rua, com grande pressa, o tipo único de pão. Para evitar perigosas ilusões sempre vai avisando o público de que o tipo único não será um tipo de ideal barateiro o que é muito possível que ele não venha a custar menos de 1800 por quilo.

Não concordamos, exteriorizando o modo de sentir do proletariado, com o actual regime de pão, que foi implantado pelo sr. Joaquim Ribeiro. Mas, não vamos atrás do canto da serpe, pois sabemos, e o proletariado também o sabe, com quem estamos lidando, P.risso os trabalhadores devem pôr-se de sobreaviso contra uma próxima e possível cilada...

A anexação da Bessarábia

O que diz um jornal russo

STOCKOLMO, 6.—São do jornal russo «Svenska» os seguintes períodos: «Os soviets jamais reconhecerão o acto de banditismo constituído pela anexação da Bessarábia pela Roménia, jamais reconhecerão a decisão do conselho dos embaixadores, que ratificou essa anexação. Toda a política interior dos soviets será sempre inspirada na união da Rússia com a Bessarábia. Depois de rejeitarem as pretensões da Roménia relativas a reaver os seus depósitos ouro efectuados em Moscú antes da guerra, depósitos que afirma pertencerem à Rússia, o articulista diz cometer a França um acto aventureiro e perigoso ratificando a anexação da Bessarábia destinada a provocar entre a massa dos trabalhadores russos um sentimento de vingança.

manha pela posse da margem esquerda do Reno, parece-me um indicio de senilidade ou de infantilismo, tam pronunciado, que, no mundo que reflete e raciocina, os governantes que defendessem este ponto de vista deviam irremediavelmente cair no descrédito.

Evidentemente a fronteira do Reno teve importância na época de Luís XIV e até na de Napoleão I ou de Napoleão III. Era uma barreira natural, difícil de transportar, quando a isso se opunham canhões e pelotas humanas. Mas agora com os aviões, os dirigíveis, os gases asfixiantes—estas descobertas de ontem—e com as descobertas de hoje e as de amanhã, a fita argentina do Reno é tão insignificante, como defesa, como pode ser uma fita presa entre estacas.

Não nos surpreende que o marechal Foch tivesse sido o ardente protagonista desta fronteira pseudo-defensiva. Toda a gente sabe que Ramollet não brilha pela inteligência e, com raras excepções, os militares profissionais são todos Ramollets. Mas havia a esperar um pouco mais de inteligência da parte dos governantes civis.

Bernard Shaw diz há dias, falando de Ramsay MacDonald e de Lord Olivier: «Temos um primeiro ministro e um secretário de Estado para a Índia que parecem interessantes para a ciência. Que eu saiba, tal se não deu até hoje a história deste país (a Inglaterra)». «Este bostado deste país (a Inglaterra)», *o Diário de Diabo* aplica-se também aos nossos governantes franceses. Ignoram toda a ciência e tudo confiam dos canhões e das baionetas.

Nem sequer se lembram que, na nossa época para fazer a guerra, as principais munições são o ouro e o petróleo.

Pretendem, com os seus meios dignos de bebés ignorantes ou de velhos desordenados, prestar serviços à França, quando a prejudicam e a arruinam. Não é o Reno que protegerá a França. É o desarmamento integral e geral, é a grande moral e intelectual da França, esforcando-se por ser o *leader* das Nações, que a inteligência não é o agor!

Augusto Hamon

Quer preservar a França dum ataque brusco e duma guerra com a Alemanha...

O PROCESSO SACCO-VANZETTI

Os juízes empregam os ardis mais iníquos para demorarem a revisão, por prevenir que a acusação seria completamente desmanchada pela defesa das duas vítimas

Nesta luta do proletariado contra o Estado, verdadeiramente tempestuosa, disputam-se duas vidas humanas, por cuja libertação se empenham os trabalhadores desde o primeiro dia. Há períodos de longa calma, que não significam o abandono da luta, mas a preparação duma maior actividade. Quando a trovada se desencadeia, já a atmosfera se tem carregado de electricidade. Assim, também a nossa actividade e acumula para produzir a tempestade que ameaça subverter a conspiração tramada na sombra contra a liberdade e a vida de milhares, contra os defensores duma causa justa e contra o nosso próprio ideal, tudo procurando aniquilar com uma falsa acusação.

Encontram-se, no momento em que escrevo, em volta duma larga mesa, no palácio da justiça, os advogados e os peritos de ambas as partes interessadas na causa Sacco-Vanzetti. Estão lá o juiz W. Thayer e toda a camarilha togada do Estado, os quais se empenham na morte de dois idealistas.

Sacculou-se agora um argumento importantíssimo na defesa dos condenados. A pistola Colt, que foi encontrada em poder de Sacco no momento da sua prisão, a qual teve uma influência notável no julgamento, apareceu agora com um calibre diferente do que tinha em Outubro do ano passado. Esta arma, prova decisiva na causa, está em poder das autoridades desde 5 de Maio de 1920.

Tendo-se provado scientificamente a não participação desta arma no delito, surge agora com calibre diverso, não sabendo nós a que atribuir esta estranha troca, sem que os peritos nos venham comunicar o resultado do seu exame. É fácil prever que a mudança se fizesse de maneira a que o interior do cano da arma corresse exactamente

ao exterior do projectil mortal... Assim se faz justiça!

Durante a discussão das razões invocadas pela defesa para a revisão do processo, em outubro passado, os advogados de Sacco e de Vanzetti insistiram no pedido de que a arma em questão fosse novamente disparada, afim de se submeterem os projecteis e as cápsulas a mais aturada observação e estudos de peritos interessados em ambas as partes litigantes.

As petições formuladas pela defesa eram poderosamente fundamentadas no direito jurídico. Apesar de todo este legalismo, em que a defesa se apoiou, a petição não foi atendida, por que o juiz previa muito bem que, se atendessem, tudo o mundo negaria uma vez mais a acusação falsa das autoridades.

Era precisamente o que o Estado queria evitar, fosse como fosse, pois a defesa acertadamente havia exposto publicamente muitas coisas que não agradavam, visto que deixariam na sombra os conspiradores que formaram esta causa sobre iníquas falsidades.

Espera-se a decisão do juiz ácrea da revisão do processo, desde 11 de Novembro do ano findo. Decorreram mais de quatro meses sem que o togado se sensibilizasse! Quere forçar os limites da paciência.

A voz do proletariado deve erguer-se vibrante e enérgica, neste período de meditação dos nossos adversários. Se do exterior se não fizer pressão nestes momentos decisivos, a contestação da causa terá os resultados previstos.

É urgente intensificar a agitação, para se demonstrar que o proletariado está atento sempre, na defesa dos seus irmãos, no momento em que tem de se liquidar definitivamente esta contenda.

José MARINHEIRO

A SITUAÇÃO DE "A BATALHA"

Embora se tenha modificado um pouco a situação de *A Batalha* não se pode dizer que deixei de existir o seu «defeito». O preço de 30 centavos veio de alguma forma atenuar aquela situação que era de todo insustentável, mas subsistem outras dificuldades já apontadas. Entre todas, que não as vamos enumerar aqui, há a cobrança atrasada por motivos diversos e a falta de expansão do jornal. São grandes as despesas e não basta a muita dedicação com que as classes trabalhadoras constantemente promovam subscrições e festas em favor do jornal.

É necessário que se alargue a expansão do jornal; que cada assinante, leitor ou amigo de *A Batalha* mande para esta administração o nome dum seu conhecido que venha a ser, depois de lhe enviarmos um número do jornal, um seu dedicado assinante; que todos façam propaganda d'ele afixando na sua correspondência os selos de *A Batalha* que custando a insignificância de um escudo cada cento são um bom elemento de receita e propaganda; que todos façam, enfim, com que *A Batalha* vá a toda a parte criando-lhe correspondentes e agentes em todas as cidades para que ela possa alargar aquela situação que tanto lhe desejamos que se torne o jornal mais completo e mais moderno de Portugal.

Mais donativos

José dos Santos, 1500; Francisco Miguel Azevedo, 3000; Quele na Associação dos Rurais de Ervedal, 13500; Manuel Tomé, 10000; António Gomes, 2550; Manuel Inácio (Pôrto), 5000; Francisco Rodrigues Pimentel (Fronteira), 1500; Jerónimo Martins (Fronteira), 550; Luís Lopes, 550; Joaquim Armada Pereira, 2500; Associação dos Litógrafos, 10000; Inácio Marques, 1520; Alberto José A. Silva, 15300; Total, 54370.

A lista do apêlo feito pelo Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste entre os seus componentes: António José Piloto, Joaquim Figueredo, António José Piloto, Joaquim Figueredo, José Pereira Fernandes, Luís Augusto Soares, Tomás Fernandes, Luís Augusto Soares, Tomás Fernandes, José João Rodrigues, Celestino Baptista, José João Rodrigues, Manuel António Fernandes e Miguel Correia, 10500 cada um. Total, 120500.

Quete abriu a Associação dos Trabalhadores Rurais de Montemor-o-Novo: Manuel Arentes, 1500; Abel dos Santos, 1500; Joaquim Pinto, 1550; Alexandre José, 550; António Fino, 1550; António Quintas, 1500; João Medronho, 2550; Guadino Kisso, 1500; Rafael Teles, 1500; Filipe Somina, 1500; Joaquim Carilhos, 255; Vicente Remachado, 455; Joaquim José Faria, 550; Celestino Rosa, 1500; Apolinário Peniche, 1500; Agostinho Calveira, 550; Vicente José Rodrigues, 1500; dos fundos do Sindicato, 9530; total, 30800.

Na lista publicada em 28 de Fevereiro na importância de José Jorge deve ler-se 1550 e não 550 como saiu.

Ferroviários do Sul e Sueste Um apêlo dos militantes da classe

Correspondente ao apêlo feito pelo intermédio do proletariado da

Contra a carestia da vida

No próximo domingo, pelas 16 horas, realiza-se na sede do Sindicato da Construção Civil de Parede e Arredores uma sessão de protesto contra a carestia da vida e de propaganda sindical, fazendo uso da palavra um delegado da Federação daquela indústria.

